



FACULDADE DE IPORÁ- FAI
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VALDILENE MARTINS DE OLIVEIRA CARVALHO

**O USO DO LÚDICO PARA CRIANÇAS COM TEA NO CONTEXTO
PEDAGÓGICO**

Iporá
2023

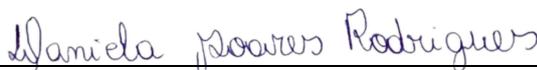
VALDILENE MARTINS DE OLIVEIRA CARVALHO

**O USO DO LÚDICO PARA CRIANÇAS COM TEA NO CONTEXTO
PEDAGÓGICO**

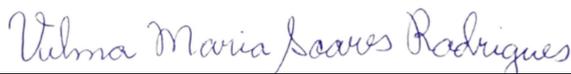
Trabalho de Conclusão para obtenção de diploma de graduação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Iporá- FAI.

Iporá, 23 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Daniela Soares Rodrigues
Docente (a) Orientador (a)



Vilma Maria Soares Rodrigues
Docente (a) Coordenador (a)

O USO DO LÚDICO PARA CRIANÇAS COM TEA NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

THE USE OF PLAYFULNESS FOR CHILDREN WITH ASD IN THE PEDAGOGICAL CONTEXT

Valdilene Martins De Oliveira Carvalho ¹

Daniela Soares Rodrigues ²

RESUMO

A educação infantil é um assunto desafiador e repleto de dificuldades, principalmente quando se refere à alunos com TEA nas salas de aulas. Desempenhar o papel de professor exige dos profissionais competências específicas que vão além da formação especializada. O trabalho lúdico com um aluno com autismo visa integrá-lo socialmente ao ambiente escolar e facilitar os processos de ensino e aprendizagem. Portanto, nesse sentido, a prática pedagógica aos alunos autistas da Educação Infantil necessita de métodos e estratégias que vão de encontro a estimulação e desenvolvimento do ensino-aprendizagem, respeitando as suas dificuldades e limitações. O presente artigo tem por finalidade abordar a utilização do lúdico para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar e pedagógico. Utilizando autores como Cordovil (2016); Bispo; Rodrigues; Santos, (2021) e Silva (2021). Na fundamentação teórica desse artigo, foram abordados o conceito de lúdico, que trouxe ideias de diferentes autores acerca da problemática, também foi abordado o TEA em diferentes vertentes: conceito, diagnóstico, sinais, sintomas, níveis de suporte e o transtorno no ambiente escolar. Assim como, também foi abordado a utilização do lúdico nas práticas pedagógicas, evidenciando as formas e estratégias para tal. Com isso, o lúdico tem um importante papel no que tange o processo de ensino-aprendizagem das crianças, por meio dele, pode-se perceber uma melhor construção do desenvolvimento global, permitindo que a criança tenha uma visão de mundo mais realista.

PALAVRAS-CHAVE: Escola. Educação. Lúdico. TEA

ABSTRACT

Early childhood education is a challenging subject and is full of difficulties, especially when it comes to students with ASD in the classroom. Playing the role of teacher requires specific skills from those professionals that go beyond specialized training. Playful work with a student with autism aims to socially integrate them into the school environment and facilitate the teaching and learning processes. Therefore, in this sense, pedagogical practice for autistic students in Early Childhood Education requires methods and strategies that meet the

¹ Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Iporá, GO. E-mail: valdilenenega27@gmail.com

² Orientador, Graduado em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira- UNIVERSO, e Pós Graduado em Docência Universitária pela Faculdade de Iporá. E-mail: soaresdaniela675@gmail.com

stimulation and development of teaching-learning, respecting their difficulties and limitations. The purpose of this article is to address the use of playfulness for children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the scholar and pedagogical context. Using authors such as Cordovil (2016); Bispo; Rodrigues; Santos, (2021) and Silva (2021). In the theoretical foundation of this article, the concept of playfulness was addressed, which brought ideas from different authors about the problem. ASD was also addressed in different aspects: concept, diagnosis, signs, symptoms, levels of support and the disorder in the school environment. Likewise, the use of playfulness in pedagogical practices was also addressed, highlighting the forms and strategies for this. Therefore, playfulness has an important role in terms of children's teaching-learning process. Through it, a better construction of global development can be seen, allowing the child to have a more realistic view of the world.

Keywords: School. Education. Playfulness. ASD.

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, cada vez mais crianças são diagnosticadas com autismo na primeira infância e, ao introduzir essas crianças no ambiente escolar, alguns professores relutam trabalhar com elas, seja por falta de conhecimento a respeito do transtorno ou pela escola não estimulá-los com práticas pedagógicas que envolvam as diversidades em deficiência.

Sabe-se que o desenvolvimento escolar de um aluno com TEA pode variar de acordo com o grau de acometimento do transtorno, sendo que alguns manifestam dificuldades na socialização, outros são superdotados, e outros possuem dificuldades de aprendizagem devido a restrição cognitiva característica da condição.

Na educação infantil, diversos métodos são utilizados no processo de ensino e aprendizagem com crianças típicas. Na educação de crianças autistas não deve ser diferente, uma vez que nesse contexto enfatiza-se a importância das tarefas lúdicas, haja vista que através dessa estratégia as crianças aprendam através da brincadeira e do brincar, o que por sua vez, influencia naturalmente a sua aprendizagem.

Em razão disso, esse artigo busca apresentar a forma que o lúdico pode ser utilizado na educação de crianças com TEA, bem como também será abordado as estratégias da equipe para inserir e estimular o aprendizado de crianças autistas por intermédio das práticas pedagógicas lúdicas.

No que se refere os objetivos específicos desse trabalho, pode-se citar os seguintes pontos: Explicar o que é lúdico; Definir o Transtorno do Espectro Autista;

Abordar o aluno autista no âmbito escolar; Compreender as práticas pedagógicas acerca do aluno autista; Relatar a utilização do lúdico no processo de ensino e aprendizagem.

Esse trabalho mostra-se relevante principalmente no que concerne a necessidade de inserir um aluno autista no contexto pedagógico, apesar de ainda haver amarras que dificultam todo esse processo, essencialmente nos casos de instituições de educação despreparadas para recebe-los.

Utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica busca-se através de livros, revistas, jornais e artigos explicar o uso do lúdico para crianças com TEA no contexto escolar.

Portanto, esse artigo em sua estrutura apresenta: Definindo O Lúdico; TEA: Conceito e Diagnóstico; O TEA No Ambiente Escolar; A Utilização Do Lúdico Com Autistas No Ambiente Escolar: Estratégias De Aplicação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. DEFININDO O LÚDICO

Apresentar uma definição concreta e única do lúdico, principalmente no que envolve à educação infantil, não é uma tarefa fácil, visto que existem várias pesquisas e conceitos a respeito do tema, assim como sua aplicabilidade. (CUNHA, 2014). Sabe-se que o ato lúdico como elemento cultural sempre fez parte da história humana e, portanto, os termos associados sofreram inúmeras modificações ao longo dos anos devido as mudanças históricas e sociais, por isso inúmeros conceitos surgiram a partir disso (GUMIERI; TREVISI, 2016).

Com isso, ao considerar o conceito de lúdico exibido em diferentes literaturas, é possível notar algumas diferenças na compreensão no que tange seu conceito, pois, há autores que associam o lúdico à brincadeira, enquanto outros a veem como uma atividade diferenciada que torna o ensino, bem como as aulas mais dinâmicas e envolventes. (CORDOVIL, 2016).

A priori, antes de aprofundar sobre o conceito de lúdico na visão dos teóricos e estudiosos, é necessário definir a palavra “lúdico” de acordo com o Dicionário Aurélio para que assim, torne-se possível esmiuçar seu significado. Portanto, de acordo com o dicionário, a expressão “lúdico” está relacionada ao jogo/brinquedo, evidenciando assim, um caráter interventivo, deduzindo, portanto, a existência de

uma relação entre os termos, sendo uma “brincadeira que provoca divertimento por meio de alguma atividade quanto jogo, ação de jogar, disputar, onde se facilita a aprendizagem” (CORDOVIL, 2016, p 02).

Confirmando essa ideia, Passos (2013, apud CORDOVIL, 2016) reforça que:

[...] termo “lúdico” é apresentado de modo incisivo: serve de adjetivo correspondente à palavra Jogo. Desse modo, ao compreendermos a remissiva temos a compreensão de jogo definida como: dispêndio de atividade física ou mental que não tem um objetivo imediatamente útil, nem sequer definido, cuja razão de ser, para a consciência daquele que a ele se entrega, é o próprio prazer que aí encontra (Passos 2013, p 43, apud CORDOVIL, 2016, p 02).

Portanto, essa ideia evidenciar a existência do jogo livre, sem a obrigatoriedade de fazê-lo com regras e esforços físicos e mentais, pois, seu objetivo é integrado somente para entreter. (CORDOVIL, 2016).

Contudo, de acordo com Bertoldo (2000, apud PERANZONI et al, 2013, p. 01) há ainda a necessidade de diferenciar cada um dos elementos contidos na ludicidade:

- Jogo: ação de jogar, folguedo, brinco, divertimento. Seguem-se alguns exemplos: jogo de azar, jogo de empurra.
- Brinquedo: objeto destinado a divertir uma criança.
- Brincadeira: ação de brincar, divertimento, gracejo, zombaria, festinha entre os amigos e parentes (BERTOLDO, 2000 apud PERANZONI et al., 2013, p.01).

Sendo assim, o “brinquedo” não pode reduzido ao jogo, ambos associam em determinados quesitos, porém, diferenciam-se, pois, conota um sentido de uma dimensão material, que tem uma dimensão material. Nesse ponto, o jogo seria a forma de objeto dotado de regras. Já a brincadeira refere-se a uma ação. É o ato de desempenhar após compreender as regras do jogo. Por isso, o brinquedo e brincadeira estão intrinsecamente ligados entre si e entre a criança, porém, não se confundem o jogo em si. (KISHIMOTO, 2001, apud GUMIERI; TREVISO, 2016).

Também, de acordo com Almeida (2009, apud CUNHA, 2014) a palavra lúdica é originada do latim “ludus” que significa “jogo”. Entretanto, ao interpretar a expressão latina, o lúdico faz referência apenas ao brincar, e a forma de jogar espontânea. (CUNHA, 2014).

Contudo, Winicott (1975), psicanalista norte-americano, que estudava os fenômenos internos do indivíduo, também contribuiu com seus ideais para definir o

lúdico “somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que este indivíduo descobre o seu eu” (WINNICOTT, 1975 apud HAETINGER, 2013, p.49).

As divergências entre os conceitos trazidos pelos autores, coloca em evidência a diferença entre o lúdico como jogo didático e educativo, no qual diverte e ensina de forma prazerosa, e o lúdico quanto forma de apenas distrair a criança. (CORDOVIL, 2016).

O jogo pelo jogo dentro da sala de aula, sem objetivo definido, não é válido, pois não possibilita a construção, a associação, a organização de conhecimentos necessários para o estudante trabalhar e relacionar com os conteúdos de sua vivência. O uso do lúdico com objetivo definido, já direcionado para o que se quer atingir, torna-se uma importante estratégia para ensinar, fixar ou mesmo aprender conceitos, conteúdos e experienciar situações, chegando assim, ao verdadeiro sentido do Lúdico (CORDOVIL, 2016, pg 04).

Ao relacionar o lúdico com o âmbito escolar e a educação infantil, esse conceito espelha a contribuição para a construção de uma aprendizagem saudável e bem sucedida, pois, é perceptível que as crianças aprendem brincando. (CARLOS, 2010).

Com isso, o lúdico tem um importante papel no que tange o processo de ensino-aprendizagem das crianças, por meio dele, pode-se perceber uma melhor construção do desenvolvimento global, permitindo que a criança tenha uma visão de mundo mais realista, já que por meio da capacidade de criar, a criança pode se expressar da forma que ela entender, e analisar, podendo assim, transformar o imaginário em real. (CUNHA, 2014).

Dessa forma, pode-se dizer que o lúdico na escola é uma porta que dá acesso a um ambiente mais interessante e que facilita o aprendizado dos alunos, no qual acaba facilitando a fixação e retenção de conhecimento. (CORDOVIL, 2016).

Embora o uso de recursos lúdicos e estratégias para promover a ludicidade na educação seja uma prática relativamente nova, a mesma é usada desde a antiguidade. Na Idade Média, a ludicidade era utilizada como fonte de entretenimento nas festas promovidas pela realeza, essas festas da comunidade tinham o objetivo de reunir as pessoas. Nessa perspectiva, é compreensível que o brincar seja uma ferramenta muito importante na vida de todas as crianças, principalmente daquelas com autismo. (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Sendo assim, o trabalho lúdico com um aluno com autismo visa integrá-lo socialmente ao ambiente escolar e facilitar os processos de ensino e aprendizagem. Portanto, a escola deve se preparar para isso como também estar em contato direto com a família desse aluno, para que dessa forma, a escola possa trabalhar integrada à família, para que juntos, alcancem êxito. (CRESPO; MASSON, 2019).

3.0. TEA: CONCEITO E DIAGNÓSTICO

O termo “autismo” foi usado pela primeira vez por volta dos anos de 1911, por Eugene Bleuler. Bleuler em seus estudos, observou que aparentemente algumas crianças que apresentavam dificuldade de comunicação haviam também perdido contato com a realidade. Porém, foi Leo Kanner, um psicanalista quem de fato descreveu em 1943, o “Distúrbio Autístico de Contato Afetivo”, no qual, perpassou um trabalho realizado com 11 crianças que apresentavam características de “solidão extrema autística”; ecolalia; ansiedade obsessiva e também apresentavam uma procura acentuada em manter rotinas. Assim, seu termo mais tarde seria conhecido como autismo (BORGES, 2018).

Contudo, foi com o surgimento do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders III, o DSM III, em 1980, que o autismo foi descrito e inserido como uma desordem de desenvolvimento, separando-o assim, da esquizofrenia infantil. (BORGES, 2018).

Desde os primeiros achados teóricos o autismo esteve nos holofotes da psiquiatria, sendo visto por muitos anos como esquizofrenia infantil. Entretanto, somente nos anos de 1970 é que de fato foi legitimada uma raiz biológica desse transtorno. (ASSUMPÇÃO e PIMENTEL, 2000, apud, BORGES, 2018). Com isso, ao longo dos anos, o termo e definição do autismo passou por inúmeros estudos, e muito do que se sabia sobre esse transtorno foi revisto e reescrito, tendo grandes avanços, chegando até ao conceito que tem-se nos dias atuais. (BORGES, 2018).

Portanto, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se aos distúrbios complexos do neurodesenvolvimento, no qual afetam o desenvolvimento social, pessoal, acadêmico e profissional do indivíduo. Os transtornos do neurodesenvolvimento podem aparecer ainda nos primeiros anos de vida e apesar de ainda ter sua causa indefinida, há evidências dos fatores genéticos estarem intrinsecamente ligados. (SULKES, 2022). Contudo, apesar de ter bases ligadas a genética, sua etiologia também é considerada tendo uma origem multicausal, uma

vez que envolve também fatores neurológicos e ambientais da criança (PINTO et. al., 2016).

Com uma maior prevalência comprovada no sexo masculino, O TEA apresenta uma margem classificatória que coloca o gene masculino como grande fator de risco para distúrbio, principalmente quando associado a fatores ambientais. (BORGES, 2018).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM, que está na sua quinta versão TR (atualizada), o Transtorno do Espectro Autista está inserido na classe dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD's), e apresenta uma diversidade de sinais e sintomas, caracterizados por critérios A e B, que podem variar desde a déficits persistentes nas seguintes áreas respectivas: comunicação e interação social em vários contextos; no qual, também apresenta déficits na reciprocidade socioemocional; comportamentos comunicativos não verbais, no qual pode variar entre comunicação verbal e não verbal mal integrada até a anormalidades no contato visual, linguagem corporal ou no que diz respeito a compreensão e uso de gestos, além de também poder apresentar uma total falta de expressões faciais e comunicação não verbal. Não obstante, um indivíduo com TEA pode também apresentar déficits no desenvolvimento, manutenção e compreensão de relacionamentos. (APA, 2022)

Além do mais, também faz parte dos sinais e sintomas alguns padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, como estereotipias comportamentais (movimentos motores repetitivos), estereotipias no uso de objetos ou fala como enfileirar brinquedos ou lançar objetos, além também de apresentar falas ecológicas ou frases idiossincráticas, bem como ter um padrão de insistência na mesmice, apresentar adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal, e possuir interesses anormais altamente restritos e fixos (hiperfocos), e também possuir hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, como barulhos de som alto, reatividade negativa a texturas específicas, ou interesse incomum em aspectos sensoriais do ambiente como fascínios excessivos por luzes, movimento, objetos (APA, 2022).

Além disso, existem inúmeras outras reações sintomatológicas que dão espaço a uma gama de limitações específicas nas habilidades sociais, e/ou de inteligência, afetando inclusive a aquisição da aprendizagem, por isso a utilização do termo “espectro” (APA, 2014, apud SULKES, 2022). O fato de o transtorno autista

estar enquadrado em um espectro, deve-se pelo fato da existência de uma variação na gravidade e a forma como os sintomas se manifestam de indivíduo para indivíduo, sendo que, as características essenciais descritas para um diagnóstico clínico podem assumir diversas formas, fazendo com que os principais déficits do transtorno se ramifiquem por diversos caminhos. (ANJOS, 2023)

O diagnóstico desse transtorno é feito por profissionais da área da saúde, baseando na história sobre o desenvolvimento e observação clínica seguindo o quadro sintomatológico do DSM-V e/ou a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID). O tratamento consiste no controle do comportamento, alinhado com o tratamento medicamentoso quando necessário para tratar as possíveis comorbidades relacionadas ao transtorno (SULKES, 2022).

O reconhecimento da sintomatologia manifestada pela criança com autismo é fundamental para a obtenção do diagnóstico precoce. Comumente, as manifestações clínicas são identificadas por pais, cuidadores e familiares que experienciam padrões de comportamentos característicos do autismo, tendo em vista as necessidades singulares dessas crianças. (PINTO et. al., 2016, p 02).

Com isso, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais na versão TR (APA, 2022), o TEA é subdividido em níveis de gravidade, que se manifesta através dos níveis de suporte, sendo o Nível 1: Requer Suporte – Na comunicação social há falhas na abertura social, onde, o autista possui dificuldade em iniciar diálogos interativos, podendo manifestar respostas atípicas. Também é notado nesse nível que mesmo quando ocorre a comunicação, o interesse pela interação social parece ser diminuído. Apesar de falar frases completas e se comunicar, as conversas com outras pessoas falham e as tentativas de fazer amigos são desajeitadas e muitas vezes malsucedidas (APA, 2022).

Já nos comportamentos Restritos e Repetitivos, a inflexibilidade comportamental leva a um prejuízo significativo no funcionamento em uma ou mais situações. Há dificuldade em passar de uma atividade para outra, e ainda, existem também questões organizacionais e de planejamento que dificultam a independência (APA, 2022).

No que se refere o Nível 2 de gravidade: *Requer suporte substancial*. Na comunicação social é característico possuir déficits maiores e significativos nas

habilidades de comunicação social verbal e não verbal, tendo mesmo com nível suporte maior, questões deficientes sociais visíveis. Nesse quesito, o autista não consegue dar abertura para estabelecer vínculos com outros. Quando parte outro, as suas respostas são anormais e reduzidas, e somente acontecerá se houver interesses estritamente específicos (APA, 2022).

Já no que tange aos comportamentos Restritos e Repetitivos há inflexibilidade comportamental, onde, dificuldades de enfrentamento à mudanças, ou outros comportamentos restritos/repetitivos ocorrem com frequência, são óbvios para o observador casual e interferem no desempenho em diversas situações. Também é comum experimentarem angústia em muda o foco, ou uma ação de determinada demanda (APA, 2022).

O nível 3 refere-se ao conjunto de sinais e sintomas mais graves e acentuados do TEA, nele é considerado que o autista *Exige Suporte Muito Substancial*, pois no que se refere a comunicação social há severos déficits nas relações sociais verbais e não verbais. A falta de habilidades de comunicação desencadeiam graves prejuízos no estabelecimento e iniciação de relações sociais (APA, 2022).

Nos *comportamentos Restritos e Repetitivos* é extrema a inflexibilidade comportamental, onde, essa grave dificuldade interfere marcadamente no funcionamento de todas as suas esferas, os impossibilitando até mesmo de realizarem simples tarefas. Por isso, comumente vivenciam grandes aflições e crises recorrentes (APA, 2022).

3.1. O TEA NO AMBIENTE ESCOLAR

A educação infantil é um assunto desafiador e repleto de dificuldades, principalmente quando se refere à alunos com TEA nas salas de aulas. Desempenhar o papel de professor exige dos profissionais competências específicas que vão além da formação especializada: vontade, flexibilidade, empatia e respeito (Alves, 2005; Camargo & Bosa, 2009; Gomes & Mendes, 2010; Martins, 2007; Pimentel & Fernandes, 2014; Rodrigues, Moreira, & Lerner, 2012; Salgado, 2012, apud WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

Nos dias atuais, cada vez mais crianças em primeira infância são diagnosticadas com autismo, e percebe-se que quando essa criança é inserida no ambiente escolar, alguns professores não sabem como lidar com essa deficiência, principalmente pelo fato de o desempenho escolar de crianças com TEA variar de acordo com o nível de acometimento do transtorno (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Visto por essa perspectiva, vários fatores, como a falta de conhecimento sobre o TEA, assim como crenças limitantes relacionadas, devido a muitos professores possuírem ideias distorcidas sobre esse transtorno, principalmente no que diz respeito à comunicação dos alunos (Schmidt et al., 2016; Alves, 2005; Camargo & Bosa, 2009; Martins, 2007, apud WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020). Sabe-se que muitos docentes acabam associando o ambiente escolar como fator único para a socialização dos alunos com TEA, entretanto essa visão estereotipada traz restrição ao processo de ensino e aprendizagem desses alunos. (Schmidt et al., 2016, apud WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

Nota-se que a socialização tem sua importância quando o assunto no que concerne à educação infantil, especialmente no quesito inclusão, sobretudo, quando associada a práticas pedagógicas que alcancem as necessidades de cada aluno. (FAVORETTO & LAMÔNICA, 2014 apud WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

Apesar da participação desses alunos nas aulas serem escassas, segundo Aporta & Lacerda (2018; FAVORETTO & LAMÔNICA, 2014, apud WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020) há pesquisas que revelam que quando o professor busca por estratégias diferentes, essas, tornam-se agentes estimuladores, favorecendo o aprendizado dos alunos com TEA no ambiente escolar.

Portanto, para que isso aconteça é necessário que os professores das redes de ensino busquem atualizações e conhecimentos em relação ao transtorno para desenvolver um trabalho eficaz frente as características do autismo. (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

O processo de atendimento da criança com TEA necessita de um planejamento das atividades a serem executadas, juntamente com a integração destas, baseando-se em um trabalho de cooperação entre os professores. Este processo integrado costuma ter repercussões positivas para o aluno com TEA (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020, p 03).

Embora a procura por assuntos que envolvem o autismo esteja crescendo, há ainda uma constante luta de alunos atípicos nas escolas regulares de ensino, pois, diversas escolas não estão preparadas para atender as crianças com esse transtorno, visto que as instituições carecem de profissionais qualificados e que não sabem utilizar métodos que auxiliem no desenvolvimento dessas crianças. Os desafios que a comunidade educacional enfrenta na escola são enormes devido à necessidade de compreender as relações das crianças com autismo (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Portanto, nesse sentido, a prática pedagógica aos alunos autistas da Educação Infantil necessita de métodos e estratégias que vão de encontro a estimulação e desenvolvimento do ensino-aprendizagem, atrelada as diferentes formas de ensinar através de brincadeiras e jogos educativos, objetivando assim, por intermédio do lúdico que as crianças tenham um bom desenvolvimento pedagógico (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Para que isso ocorra de forma saudável, Moraes (2015, apud CRESPO; MASSON, 2019) cita que para que a criança autista se sinta bem e confortável no âmbito escolar, e alcance sucesso no que concerne a educação destaca que todos os estratégias e recursos que objetivem a prática pedagógica tornam-se válidos para incluir o aluno com TEA no ensino, desde que sejam potencializadores das habilidades e capacidade que esse aluno já possui.

Em contraponto, o autor também ressalta que para utilizar dos recursos o primeiro passo refere-se a buscar a coordenação da instituição de ensino para reunirem entre si e discutir as táticas possíveis e organizar-se para atender as demandas desse grupo. Nesse processo, a participação da família também se faz essencial (CRESPO; MASSON, 2019). Dessa maneira, as intervenções pedagógicas e educacionais devem ser imbuídas de diferentes recursos, desde que sejam concretos, claros e objetivos (MORAES, 2015, apud CRESPO; MASSON, 2019).

[...] o professor deve ajudar seu aluno a lidar com o controle restrito de estímulos, em que um estímulo é percebido e o outro é desprezado, e com a teoria da coerência central, em que a criança autista apresenta falhas na coerência central, ou seja, acaba preocupando-se mais em detalhes do que no contexto geral, assim o professor deve auxiliar seu aluno fazendo com que perceba a noção de totalidade ao invés de prender-se a detalhes e fragmentações (MORAES, 2015, p. 192, apud CRESPO; MASSON, 2019, p 06).

Portanto, esses apontamentos mostram claramente a importância da mediação do professor com o aluno autista e mais ainda de sua preparação para um trabalho que exige mais tempo e múltiplas estratégias para ter sucesso. (CRESPO; MASSON, 2019).

4. A UTILIZAÇÃO DO LÚDICO COM AUTISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR: ESTRATÉGIAS DE APLICAÇÃO

Na educação infantil são utilizados diferentes métodos no processo de ensino e aprendizagem, evidenciando a importância do trabalho lúdico onde, atua de forma inerente no aprendizado da criança, uma vez que ela aprende brincando, onde, também acontece com crianças autistas (CRESPO; MASSON, 2019).

O brincar em sala de aula é uma ferramenta fundamental na primeira infância no que tange o diagnóstico do TEA. É essencial ministrar brincadeiras a fim de promover seu desenvolvimento físico e mental, assim como também construir relacionamentos positivos uns com os outros (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

No TEA, um dos sinais mais frequentes que afetam as crianças é a comunicação. O desenvolvimento da linguagem sofre prejuízos aparentes, e isso pode ser notado de várias maneiras, tanto na imaginação quanto na interação. Por esse motivo, o envolvimento professor-aluno é essencial para estabelecer bases sólidas para uma variedade de relacionamentos pessoais. Dessa forma, essa interação propicia a criança e ao professor reciprocidade, e também desperta sentimentos afetivos, intensificando auto segurança e autoconfiança mútua (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Ao utilizar os brinquedos e recursos lúdicos, a criança com TEA pode fazer deles um instrumento de comunicação, expressando por meio deles suas reais vontades, desejos, sentimentos, sensações e experiências, sendo elas negativas ou positivas. (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Em razão disso, o trabalho lúdico nas escolas vem sendo ainda mais utilizado como forma de estimular o desenvolvimento cognitivo das crianças, uma vez que ele por sua vez, promove, auxilia e melhora os aspectos básicos que fazem relação à aprendizagem, como a memória, atenção, percepção e concentração. (CRESPO; MASSON, 2019).

Com isso, a ludicidade oferecida às crianças com autismo também visa proporcionar muitos benefícios ao desenvolvimento, mas para que esse processo funcione adequadamente, elas precisam da ajuda de terceiros como a família e os professores atuando como intermediários desse processo (CRESPO; MASSON, 2019).

Sendo assim, é responsabilidade dos educadores direcionar as atividades, de forma que a brincadeira livre estimule a interação social entre os alunos e ajude a desenvolver suas capacidades intelectuais e pedagógicas, para que assim, este trabalho tenha um impacto positivo na aprendizagem. (DIAS, 2013, apud CRESPO; MASSON, 2019).

Assim como Silva (2013, apud, CRESPO; MASSON, 2019) afirma que diante o diagnóstico precoce do autismo, a utilização de jogos e do lúdico como um todo, acaba tornando o processo de desenvolvimento social, psicomotor, afetivo e cognitivo prazeroso e saudável para a criança. Contudo, utilizar o lúdico não implica apenas em divertir a criança, é preciso estar atento as informações veladas que a criança traz no brincar.

A utilização de brinquedos com fins pedagógicos leva a crer que o uso desses materiais é de grande importância no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Já o brincar livre também é importante e promove esse processo de aprendizagem, por isso deve ser incentivado e promovido pelos educadores. Os jogos são apregoados bastante consideráveis no crescimento de uma criança, principalmente na Educação Infantil, pois beneficia suas habilidades a partir das ações que o indivíduo realiza sobre o ambiente em que vive (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021, p 09).

Apesar da importância do lúdico na educação infantil ser um assunto pouco pesquisado, principalmente por pais que preferem métodos tradicionais de ensino, faz com que a maioria não perceba os benefícios que o brincar pode trazer na educação e na aprendizagem, como maior capacidade de atenção, concentração, imaginação e memória. Também, o professor que desenvolve um trabalho focado nas atividades lúdicas consegue incluir o aluno autista no meio pedagógico, respeitando e abraçando as individualidades do aluno atípico, promovendo assim melhor capacidade de cognição (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Na concepção de Kishimoto (1996, apud SILVESTRE, 2020), determinados tipos de aprendizagem são estimulados pela facilitação de aspectos educativos em atividades lúdicas facilitadas por intermediários. Portanto, cada ato intencional de brincadeira em crianças pequenas rapidamente se torna uma situação de aprendizagem que promove o sucesso. (SILVESTRE, 2020). Segundo Bosa (2002, apud SILVESTRE, 2020), isso também inclui os jogos como atos intencionais que incentivam a integração em crianças pequenas com autismo.

Sendo assim, nesse contexto deve-se criar momentos de criatividade, no qual as crianças sejam livres para imergir no imaginário e assim, vivenciar através dos jogos e brincadeiras uma experiência lúdica incentivadora para desenvolver um maior interesse na execução das atividades rotineiras. (BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021).

Guitério (2016, p.33, apud BISPO; RODRIGUES; SANTOS, 2021) expõe que: “quando o jogo consegue ser adotado como metodologia lúdica na escola, algumas características estruturais dele se perdem a partir do momento em que a escola é um cenário diferente de qualquer outro que a criança possa ter contato”. Por essa razão torna-se tão essencial os atores pedagógicos terem conhecimento das necessidades do aluno com TEA.

Na brincadeira, as crianças constroem e reconstroem simbolicamente a sua própria realidade em um verdadeiro ciclo com ideais formulados e pensados para suprir seu mundo autoimaginário, além disso, elas também reconstroem o mundo existente, no qual elas já possuem ideias e conceitos de mundo e sociedade (COSTA, 2010, apud, SILVESTRE 2020).

Diante isso, ao utilizar o brincar em sala de aula com crianças que necessitam de inclusão, como é o caso das crianças pequenas, e principalmente das as que possuem diagnóstico de autismo, é fundamental vincular a didática à prática educativa, já que introdução deste recurso cria uma nova experiência para os sujeitos envolvidos. (SANTOS, 2014, apud SILVESTRE, 2020).

As brincadeiras, em seu aspecto pedagógico, para crianças pequenas a serem incluídas, podem ser consideradas como recursos didáticos e, dessa forma, quanto mais artísticos e criativos forem, mais propensos à promoção do conhecimento. Ademais, muitos brinquedos podem ser confeccionados para o cumprimento deste aspecto, pois quando elaborados e desenvolvidos pelas crianças passa a funcionar como uma

metodologia ativa e, por isso, efetiva (SANTOS, 2013, apud SILVESTRE, 2020, p 13).

Portanto, quando utilizados corretamente, todos os jogos são especialmente concebidos para serem um veículo de promoção da educação social, inclusiva, cognitiva e afetiva. Um bom exemplo de incentivo à ludicidade nas salas de educação infantil é a utilização de brinquedos feitos de sucatas (SANTOS, 2013, apud, SILVESTRE 2020).

Com isso, nota-se que um dos principais objetivos das atividades lúdicas frente ao TEA na rede escolar típica, é permitir que as crianças desse espectro participem rotineiramente do ensino regular em sala de aula, além do mais podem desenvolver aspectos que envolvem a motricidade, como sua coordenação motora fina, e também os aspectos que se relacionam as dimensões psicossociais e da percepção sensorial, ampliando assim, a consciência dos sentidos da criança. Nesse quesito, é interessante trabalhar com essas crianças, recursos específicos de modo que elas descubram sons, sabores, texturas, cheiros, visto a dificuldade que elas têm com questões que envolvem os sentidos. (MARIA, 2022).

Portanto no que envolve o autismo na sala de aula, em sentido amplo, é importante ressaltar que essas crianças possuem interesses e preferências restritas que devem ser respeitadas pelos professores e pedagogos, demandando deles maior atenção e observação nas suas preferências, gostos e limitações, pois, elas podem ser sensíveis a determinados estímulos, assim, quando esses estímulos sensíveis são apresentados de forma errada a essas crianças, pode ocasionar uma piora no quadro, inclusive no processo de aprendizagem. Portanto, é importante que seja avaliado a priori tais limitações antes de introduzir um estímulo em forma de atividade. (MARIA, 2022).

Entretanto, assim como expõe Silva (2021):

Primeiramente, antes de fazer a adaptação de atividades para autistas é importante aplicar o protocolo de avaliação. É a partir dessa avaliação, que o professor tem entendimento do que a criança tem conhecimento, quais são suas potencialidades e habilidades. Por exemplo, o nível cognitivo da criança, grau de coordenação motora, se é verbal ou não verbal, os interesses restritos e se precisa de uma comunicação alternativa ou suplementar no ambiente escolar, os conhecimentos prévios e se possuem requisitos básicos para realização de atividades em sala de aula, como; esperar, sentar-se, olhar entre outros (SILVA 2021, pg 0).

Com isso, após a investigação, e conforme o professor compreender esses aspectos, o educador pode realizar a adaptação das atividades para a criança autista, onde, levará em consideração as necessidades dela, podendo assim, explorar suas potencialidades e habilidades e aperfeiçoar as dificuldades, para que ela dentro de suas limitações tenha o mesmo conhecimento que é ofertado à turma. (MARIA, 2022).

Dentro desse contexto Silva (2021) revela algumas informações sobre formas de aplicar atividades para esse grupo de crianças, incluindo ainda a ludicidade nessa demanda, dentre elas estão:

- 1. Tipo de papel e letra para as atividades:** Ao adaptar as lições para autistas, é necessário que o docente opte por atividades com menor quantidade de estímulos visuais, não contendo excessos: de estampas, textos e cores, como por exemplo, folhas impressas em duas únicas cores.
- 2. Necessidade de delimitar respostas:** Nesse quesito, ao apresentar uma atividade para a criança, é importante restringir a possibilidade de respostas em locais diferentes, assim, o aluno conquistará uma maior autonomia na execução conforme for evoluindo o nível de aprendizagem. Um exemplo que se refere a essa estratégia é separação de monossílabas.
- 3. Utilizar os interesses e hiperfocos a favor da criança:** Aproveitar o hiperfoco e os interesses restritos da criança nesse quesito é essencial, visto que quando o docente utiliza os hiperfocos nas atividades, o aluno obtém melhor êxito na realização da tarefa, influenciando positivamente o processo de aprendizagem. Por isso a investigação citada acima torna-se imprescindível.
- 4. Ter atenção ao contexto:** A aplicação aleatória de atividades que não envolvem as limitações e um aluno com TEA em específico atrapalha o seu desenvolvimento cognitivo. Pensando em um contexto de ensino regular é um ponto chave para a dificuldade da criança associar as questões pedagógicas, quando se trata de crianças atípicas é um processo ainda mais árduo. Por isso, o profissional deve atentar-se ao contexto do espectro.
- 5. Quantidade menor de elementos:** As atividades para crianças neurotípicas normalmente contém cinco perguntas por página, porém, esse acúmulo de informações pode ser muito confuso para crianças atípicas, e conseqüentemente desencadear problemas tanto no aprendizado quanto no conjunto de comportamentos típicos do espectro. Portanto, é importante reduzir o número de informações por página, reduzir para duas questões com o mínimo de perguntas, comandos e palavras, tendo também imagens mais atrativas e lúdicas, mas, com o mesmo objetivo das demais.
- 6. Ter linguagem objetiva:** A atenção no quesito audição dos autistas não é bem desenvolvida. Como resultado, é difícil para a criança compreender a comunicação dos outros. Por isso, é fundamental os docentes utilizar uma

linguagem objetiva, como por exemplo falar devagar e evitar insinuações, para melhor compreensão.

Ainda, Neurosaber (2020) também corrobora com ideias para utilização e aplicação de atividades específicas para os alunos autistas na Educação, trazendo a ideia de incluir as Atividades Sensoriais, pois, são recursos multissensoriais que possui inúmeras maneiras de utilização, visto que tendem a chamar a atenção dos alunos, principalmente os que possuem TEA, portanto ao introduzi-lo em atividades pedagógicas o docente estimula a imaginação, o foco e concentração, como por exemplo utilizar música para os ensinarem a ler ou para algum tema já pré-definido, também utilizar letras em alto relevo; com magnetismo; velcro. (NEUROSABER, 2020).

Além disso, há outras formas de aplicar a ludicidade em sala de aula, como pintura, desenho, massinha de modelar. Esses, são ótimos materiais que exploram o potencial de criatividade das crianças autistas, assim como também tornam-se atividades sensoriais. Com a massinha de modelar é possível o professor conduzir a atividade com o alfabeto e os números, assim pode ser trabalhado coordenação motora, emparelhamento de iguais e reconhecimento dos números e letras. Como pode-se notar, diversas são as possibilidades. (MARIA, 2022).

Outros recursos em formas de aplicabilidade do lúdico são os jogos, um deles que pode ser citado é o quebra-cabeças. Nas salas de aulas, crianças mais velhas com autismo podem se interessar por jogos que exijam concentração, como quebra-cabeças, para que elas possam desenvolver as suas capacidades motoras e cognitivas juntando as peças. Além disso, os quebra-cabeças oferecem às crianças com autismo a oportunidade de aprender a reconhecer formas geométricas e estimular a imaginação dos mais pequenos através das formas que compõem o jogo. (MARIA, 2022).

Assim como esses recursos, outro que também tem fundamental importância é o quebra-cabeças chinês conhecido como Tangram, muito utilizado na educação. Esse recurso pode-se trabalhar raciocínio e pensamento lógico, formas geométricas e questões matemáticas. pois, ele é composto em geral por 7 peças, sendo: 5 triângulos, um quadrado e um paralelograma. Nele, a criança é livre para recriar pelas peças inúmeras formas de encaixe e desenhos. Além do mais, também é

possível trabalhar em conjunto com o jogo a socialização, diante da possibilidade dos alunos confeccionarem o próprio jogo com materiais recicláveis. (MARIA, 2022).

Desta forma, o lúdico como ferramenta pedagógica para o processo didático e pedagógico da criança autista, pode ser utilizado de diversas formas, onde, dependerá de cada profissional nortear a sua forma de atuação, evidenciado o desenvolvimento psicossocial, cultural, cognitivo e emocional dos alunos, e assim, realizar a inclusão social e educacional de cada criança atípica. (CRESPO; MASSON, 2019).

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização do projeto de pesquisa foi a Bibliográfica, na qual está refere-se a:

Segundo Gil (2002, p. 61) o método bibliográfico consiste em:

Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa.

Com isso foi utilizado livros, revistas, artigos, monografias e dissertações para a elaboração do corpo teórico do trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, diante do exposto, esse trabalho pôde elucidar a respeito da aplicabilidade dos recursos e práticas lúdicas na educação de alunos autistas, uma vez que mostrou-se uma diversidade de estratégias para os atores pedagógicos utilizarem em sua prática.

Assim como foi elucidado, o TEA é um transtorno global do desenvolvimento que possui características específicas ligadas ao neurodesenvolvimento, e desenvolvimento psicossocial. Por isso, é comum que inserir essas crianças em salas de ensino regular seja um processo moroso e cheio de desafios tanto para os professores, educadores, família, as próprias crianças e funcionários em um todo da instituição educacional.

Nesse contexto, mostra-se tão importante que a escola e os professores busquem práticas e estratégias para desenvolver o ensino e aprendizado dessas

crianças, haja vista a possibilidade da utilização da ludicidade no que tange os aspectos da educação.

É evidente que as crianças aprendem através da brincadeira, pelo que este conceito reflete o seu contributo para a construção de uma aprendizagem saudável e bem sucedida, interrelacionando a brincadeira ao ambiente escolar e à educação infantil.

Dessa forma, pode-se dizer que fazer uso do lúdico nas questões escolares é uma porta de entrada que oferece um ambiente mais interessante, favorecendo a aprendizagem dos alunos e, em última análise, leva à consolidação e retenção do conhecimento.

Ao fazer uso das atividades lúdicas para os transtornos do espectro do autismo (TEA) na rede escolar típica que tem como principais objetivos desenvolver no aluno a capacidade em estimular os aspectos que envolvem habilidades motoras, como a coordenação motora fina, bem como aqueles relacionados às dimensões psicossociais e aspecto sensório-perceptual, sobretudo, o que envolve atividades específicas dentro de suas limitações que trabalhem a descoberta sons, sabores, texturas, cheiros, ampliando assim a consciência sensorial da criança.

Por ora, ressalta-se que as práticas lúdicas na educação englobam não somente as crianças atípicas, mas também as crianças típicas, visto que essa prática estimula nas crianças uma melhor adesão ao aprendizado por torna-se um ambiente agradável, imergido de criatividade, pois, o brincar na sala de aula é uma das ferramentas de maior significância para as crianças.

REFERÊNCIAS

ANJOS Filho, N. C. dos & Neufeld, C. B. (2023, 25 mai.). Conceitos fundamentais para avaliação de indivíduos com risco de estarem dentro do espectro autista. Blog Artmed. Acesso em: 9 ago. 2023.

APA, American Psychiatric Association: **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition, Text Revision. Washington, DC, Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

BORGES, V. M., & Azevedo Moreira, L. M. (2018). Transtorno do espectro autista: descobertas, perspectivas e Autism Plus. *Revista De Ciências Médicas E Biológicas*, 17(2), 230–235. <https://doi.org/10.9771/cmbio.v17i2.21828>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CARLOS, A. M. **O LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.** [s.l.] REPOSITÓRIO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2010. Acesso em: 17 ago. 2023.

CORDOVIL, Ronara Viana et al.. **Lúdico: entre o conceito e a realidade educativa.** Anais VIII FIPED... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25409>>. Acesso em: 29/08/2023.
CORREIA, N. **TEA: Conceitos fundamentais para avaliação de indivíduos.** Disponível em: <<https://blog.artmed.com.br/conceitos-fundamentais-avaliacao-transtorno-espectro-a-utista>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

CRESPO; Patrini Alescrim.; MASSON, Ana Cláudia Tófolli de Araújo.; (ED.). **UMA PROPOSTA LÚDICA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.** [s.l.] REVISTA SMG, 2020. v. 7 n. 2. Acesso em: 13 ago. 2023.

CUNHA, E. B. DA. A contribuição do lúdico para a aprendizagem das crianças da educação infantil. **Repositório Institucional da UFPB**, 2014. Acesso em: 29 ago. 2023.

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GUMIERI, F. A.; TREVISO, V. C. A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança: o brincar como ferramenta de aprendizagem na Educação Infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP**, v. 3, n. 1, p. 66–80, 2016.

HAETINGER, M.G; SILVA, D.V. Ludicidade e Psicomotricidade. 1. ed. Curitiba, Paraná: IESDE Brasil, 2013. Acesso em: 22 ago. 2023.

MARIA, N. **Atividades lúdicas para autistas.** Disponível em: <<https://viacarreira.com/atividades-ludicas-para-autistas/>>. Acesso em: 6 ago. 2023.

NEUROSABER. **Atividades pedagógicas para Autismo.** Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/atividades-pedagogicas-para-autismo/?gclid=CjwKCAjww0-WBhAMEiwAV4dybYMWXph5giPRrdCiA-6dnuwg_k9MnEFIfc9PJ47yg33m vAi1P8EA0hoCG6cQAvD_BwE>. Acesso em: 2 ago. 2023.

NEUROSABER. **Estratégias para manter a atenção do aluno autista em sala de aula.** Disponível em: <<https://institutoneurosaber.com.br/estrategias-para-manter-atencao-do-aluno-autista-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: 2 ago. 2023.

OLIVEIRA DE, J. A. S.; DA SILVA, N. C. (EDS.). O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL. [s.l.] REVISTA SABER ACADÊMICO, 2018. v. N° 25. Acesso em 29 ago. 2023.

PERANZONI, V.C. et al. Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras: recursos necessários na prática educacional cotidiana. Revista Digital - EFDesportes. Buenos Aires. Ano 18. n. 182 – Julho/2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd182/os-jogos-recursos-napratica-educacional.html>. Acesso em: 9 ago. 2023.

PINTO, R. N. M., Torquato, I. M. B., Collet, N., Reichert, A. P. da S., Souza Neto, V. L. de., & Saraiva, A. M.. (2016). Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. Revista Gaúcha De Enfermagem, 37(3), e61572. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em: 19 ago. 2023.

SANTOS, S. S.; RODRIGUES, O. P. S.; BISPO, M. L. S. O lúdico na aprendizagem do aluno autista na educação infantil. **Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC**, n. 10, 2021. Acesso em: 11 ago. 2023.

SILVA, K. **13 dicas de adaptação de atividades para autistas**. Blog SóEducadorramonmariano, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://blog.soeducador.com.br/adaptacao-de-atividades-para-autistas/>. Acesso em: 29 ago. 2023

SILVESTRE, DE SOUSA, V. **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS LÚDICAS PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. [s.l.] Faculdade de Ciências e Tecnologias de Campos Gerais, 14 dez. 2020. Acesso em: 21 ago. 2023.

SULKES, S. B. **Transtornos do espectro autista**. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-pt/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtornos-do-espectro-autista>. Acesso em: 25 ago. 2023.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B. INCLUSÃO ESCOLAR E AUTISMO: SENTIMENTOS E PRÁTICAS DOCENTES. Psicologia Escolar e Educacional, v. 24, p. e217841, 2020. Acesso em: 05 ago. 2023.